

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2023



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



# CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**  
Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Revisão Editorial | Copy-Editing**  
Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers**

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

**Concepção Gráfica | Graphic Design**  
Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."  
El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres  
*The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men*  
Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens
- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:  
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero  
*UNDOING PENELOPE'S FABRIC:  
Material culture, loom weights and gender studies*  
Arianna Esposito & Airton Pollini

### 61 ESTUDOS

#### ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:  
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti  
*THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14<sup>TH</sup> CENTURY BCE:  
Tawananna, from queen to outcast of the Hatti*  
Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida
- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO  
*NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT*  
João Paulo Simões Valério
- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:  
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos  
*REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:  
Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors*  
Catarina dos Santos Madeira

**129 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

**155 RECENSÕES**

*REVIEWS*

**269 IN MEMORIAM**

**279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**RECENSÕES**  
REVIEWS

do que afirma Schultz na p. 69, António e Fúlvia não desapareceram dos registos históricos entre 46 e Outubro de 45. No quarto capítulo, a Schultz afirma que foram retiradas, a Marco Bruto e Cássio, as províncias que lhes foram anteriormente alocadas (pp. 77 e 79) mas essa dedução não é, actualmente, defendida por boa parte dos académicos, sendo pacífico que, na altura dos Idos de Março, as províncias pretoriais para 43 a.C. ainda não tinham sido sorteadas. Assinale-se, por fim, a ausência de alguma bibliografia que teria sido muito pertinente para o estudo de Fúlvia. Boa parte destes estudos já foram indicados por Rosillo-López numa recensão a esta obra (<https://bmc.brynmaur.edu/2022/2022.07.20/>), mas a ausência da pioneira biografia de Fúlvia, que foi escrita por Francesca Rohr Vio, *Fulvia. Una matrona tra i 'signori della guerra'* (2013), é um lapso que não se poderá deixar de lamentar. De facto, a autora limita a sua bibliografia ao espaço anglo-saxónico, notando-se a ausência de estudos germânicos, franceses, italianos e ibéricos. A inclusão destes estudos teria enriquecido ainda mais esta biografia de Fúlvia.

Estes pequenos lapsos não diminuem, todavia, o alcance da obra de Celia Schultz. Este livro pode, com efeito, ser lido por um público heterogéneo que vai desde os académicos até a um público não especializado (até o preço da obra é convidativo). Quem quiser saber mais sobre Fúlvia, uma mulher que foi, no seu tempo e para além dele, vilipendiada e descaracterizada, terá de ler esta biografia.

**João Paulo Simões Valério**

*Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**MARY T. BOATWRIGHT** (2021), *Imperial Women of Rome. Power, Gender, Context*. New York, Oxford University Press, 382 pp. ISBN: 9780190455897 (81.33€)

O estudo sobre as mulheres da *domus* imperial sempre foi um assunto que fascinou os académicos. Boatwright, nesse sentido, apresenta-nos uma análise rigorosa sobre o poder que estas matronas teriam em Roma. A A. concentra a sua obra nas mulheres que foram casadas com imperadores ou que eram familiares próximos como irmãs, mães, avós ou sogras. O segmento cronológico vai desde Octávia e Livia em 35 a.C. até ao fim da dinastia dos Severos com a morte de Júlia Mamaia em 235 d.C. Na introdução (pp. 1-9), Boatwright explana o seu objecto de estudo optando, ao contrário de outras abordagens de cariz biográfico, por fazer uma aproximação temática (como um todo) inserindo, dentro de cada capítulo, uma sequência diacrónica. A A. informa, ainda, sobre a metodologia que vai seguir, assinalando que o sistema imperial favorecia a proeminência das famílias próximas aos imperadores e, subsequentemente, as mulheres da casa imperial. As fontes utilizadas não se limitam às tradicionais fontes escritas para a idade imperial (e.g. Tácito ou Dion Cássio), tendo a académica recorrido a uma panóplia assinalável de fontes materiais (numismática, escultura, epigráficas e outras fontes arqueológicas).

A A. principia cada capítulo com um pequeno subcapítulo inaugural que visa fornecer uma breve descrição do tema que vai ser tratado. Assim, no primeiro capítulo “Rome’s Imperial Women and Rome’s Imperial Power” (pp. 10-46), introduz-se o caso da protecção que Livia (aqui já



com o seu nome adoptivo pós-14 d.C. e o seu título honorífico: Júlia Augusta) concedeu a Pláucia Urgulanila quando esta foi levada, em 16 d.C., a tribunal por Lúcio Calpúrnio Pisão. A partir deste caso, Boatwright indaga sobre quais seriam os poderes efectivos das mulheres da *domus* imperial e se se estenderiam a outras matronas romanas. A A. conclui que, exceptuando algumas honras que foram concedidas a Octávia e a Lívía (e.g. a libertação da *tutela muliebris* para ambas em 35 a.C. e o *ius trium liberorum* em 9 a.C. para Lívía, que, efectivamente, vieram somente dar um quadro legal a uma prática tardo-republicana), as mulheres da casa imperial não tiveram quaisquer privilégios formais que as pusessem acima de qualquer outro membro da elite romana, sendo os seus poderes transitórios, sempre dependentes e mediados pelo imperador. Os três *eximii honores* concedidos a Lívía em 14 d.C. (título honorífico de Augusta; *flaminica* do culto do Divino Augusto; privilégio de ser acompanhada por um lictor) não foram posteriormente adoptados por outras mulheres imperiais, tendo apenas o título de Augusta sobrevivido aos Júlio-Cláudios (tabela na p. 33). Lívía será, de facto, um modelo de *princeps femina*, mas as qualidades referidas no *Senatus Consultum de Pisone patre* de 20 d.C. remetem para o cumprimento das funções tradicionais de uma mulher romana: discricção e comedimento. A A. induz, assim, que os poderes das mulheres da *domus* imperial, sob o ponto de vista institucional, não sofreram nenhuma mutação significativa em comparação com as matronas do período republicano (p. 46).

O segundo capítulo, “Crimes and Punishments of Imperial Women” (pp. 47-82), vem reforçar as conclusões do primeiro. Boatwright, por intermédio do exemplo da mulher de Domiciano, Domícia Longina, questiona se, de facto, as mulheres da *domus* imperial teriam um estatuto legal especial, i.e. se estariam, em alguns casos, por meio da influência dos seus maridos (ou familiares) imperadores, acima da lei. A A. examina, de modo particular, a legislação augustana respeitante ao adultério que levou a que muitas mulheres da casa imperial (e.g. Júlia *Maior* e *Minor* ou Livila) fossem vistas como *exempla* de punição, especialmente no período dos Júlio-Cláudios, para demonstrar que o imperador e a sua família não estavam acima da lei. Especialmente pertinente é a tabela de crimes e castigos dados às mulheres da *domus* imperial (pp. 52-55), que nos leva a considerar que muitas das acusações de adultério feitas eram acompanhadas de incriminações de *maiestas*, i.e. uma vez que a moral, a política e o poder estavam intrinsecamente ligados (p. 69), os crimes destas mulheres poderiam ser considerados tão graves quanto ameaçassem a sobrevivência do próprio principado.

O terceiro capítulo “Imperial Women within the Imperial Family” (pp. 83-118), que se inicia com Faustina *Minor*, incide sobre a posição que estas mulheres teriam dentro da família imperial, focando-se a A. nos papéis tradicionalmente adscritos às mulheres como a fertilidade e a maternidade. Entre o desenvolvimento da *domus Augusta* e a *domus diuina* (que se estabeleceu, definitivamente, no tempo dos Severos) as mulheres foram, na opinião de Boatwright, perdendo a individualidade que marcou muitas mulheres do período republicano (p. 93). A A. também notou que na era dos «imperadores sem mãe», i.e., os Antoninos, o quadro das mulheres imperiais foi estendido para incluir irmãs, sogras e avós. Em conclusão, as mulheres desta *domus* evoluíram para símbolos de uma família unida, tornando-se parte essencial da ideologia do principado (p. 118).

No quarto capítulo, “Imperial Women on Coins and in Roman Cult” (pp. 119-66), a A. divide o seu objecto de estudo entre a indagação das imagens das mulheres imperiais nas moedas emitidas na urbe e a participação destas matronas no culto imperial. Esta parte é iniciada com o exemplo das moedas de Gaio Calígula que representavam as suas três irmãs: Agripina *Minor*,

Drusila e Livila (*Roman Imperial Coinage* 33, 41). Boatwright faz uma análise ponderada no que tange à validade do uso da numismática no estudo sobre as mulheres da *domus* imperial, tendo decidido somente considerar as moedas que foram emitidas na *Vrbs* e que identificam claramente o nome das matronas imperiais envolvidas. A A. acaba por desvalorizar a importância das representações numismáticas das mulheres da *domus* imperial, defendendo que o número de vezes em que uma mulher da casa imperial aparecia nas moedas não correspondia à posição ou influência que teria em Roma (pp. 129-30). Não obstante, uma mais larga representação destas mulheres em moedas de ouro e prata, no período dos Antoninos e dos Severos, terá contribuído para o crescente reconhecimento da família imperial, agora denominada *domus divina* (p. 134). As moedas são, todavia, documentos essenciais para perscrutar sobre a *consecratio* das mulheres da casa imperial, que são invocadas por meio de abstrações personificadas, visto que as mulheres, em Roma, não eram individualizadas. Esta verificação leva-nos à segunda parte deste capítulo, que consiste no papel das mulheres no culto imperial, nas *consecrationes* das matronas imperiais e na expansão deste culto no império romano. A A. assinala a elevação das mulheres da *domus* imperial a *flaminicae* e principalmente o efeito das *consecrationes* das mulheres imperiais, que levaram a uma certa mobilidade social e a que se criassem novas sacerdotisas pelas cidades do império, tendo sido identificadas, só na parte ocidental do império, 250 sacerdotisas dedicadas ao culto imperial feminino (cerca de trezentas em todo o mundo romano; pp. 164-5; p. 287).

O quinto capítulo, “Imperial Women’s Mark on the City of Rome” (pp. 167-210), discute o impacto que as mulheres imperiais teriam sob o prisma da sua presença em acontecimentos públicos (funerais públicos, banquetes públicos, etc.) e os monumentos que elas patrocinaram na urbe. Esta parte é introduzida com o caso da comparência de Agripina *Minor* no triunfo de Cláudio sobre Carátaco em 44 d.C. O privilégio de Agripina foi uma exceção, sendo desencorajada a presença das mulheres da *domus* imperial em público. Lúvia, Antónia *Minor* e Agripina *Minor* foram *flaminicae* de cultos imperiais, mas nenhuma fonte indica estas três mulheres a desempenharem as suas funções oficiais (p. 179). Boatwright chega a fazer uma consideração em que contrasta a ausência destas mulheres no espaço público com a visibilidade de muitas modernas primeiras-damas (p. 185). Mesmo a conclusão de uma maior presença das mulheres imperiais no patrocínio de monumentos públicos leva à dedução de que estas matronas teriam pouca visibilidade na urbe. O papel das mulheres da *domus* imperial seria, com base na maior frequência de monumentos por si patrocinados em espaços privados, essencialmente, dentro da sua própria família (p. 210).

A imagem pública das mulheres imperiais também está presente no sexto capítulo “Models and Exemplars: Statues of Imperial Women” (pp. 211-47), mas no que diz respeito à estatuária. Agripina *Minor* é, uma vez mais, usada como exemplo, centrando-se a A. na estátua grauaque de Agripina que foi achada perto do templo de Cláudio no Monte Célio. Boatwright não encontrou nenhuma diferença entre as estátuas das matronas imperiais e as outras mulheres, sendo a estatuária feminina baseada em divindades gregas e abstrações personificadas. O conceito de *Zeitgesicht* “rosto do tempo” (p. 220) não é, ao contrário das representações masculinas, apropriado para a estatuária feminina romana. A recente descoberta de uma estátua de Matidia *Minor* num teatro em Suessa pode, no entanto, fazer-nos crer que, fora da urbe, haveria alguma liberdade de representação e talvez até livre-arbítrio, contrastante com a falta de autonomia que estas mulheres tinham em Roma.

Não obstante, as representações das mulheres imperiais seriam importantes para consolidar a imagem do *princeps* e do próprio principado (p. 246).

O capítulo sétimo, “Imperial Women Abroad, and with the Military” (pp. 248-80), que é apresentado com o exemplo das mulheres da *domus* imperial do tempo dos Severos, propõe-nos que saíamos da urbe e consideremos as viagens das mulheres imperiais e as suas ligações com a vida militar, nomeadamente a presença de mulheres nos *castra*, que parece ter sido sempre um assunto delicado em Roma. A necessidade dos imperadores visitarem as províncias e os seus exércitos, encorajou as mulheres a viajarem mais à medida que o principado evoluía (p. 280). O título *mater castrorum*, dado a Faustina *Minor*, esposa de Marco Aurélio, serviu de antecâmara para o que sucedeu no tempo dos Severos, em que era normal as mulheres imperiais viajarem na *entourage* do imperador. Estas matronas continuaram a ser, todavia, alvo de preconceitos, sendo, em pleno século III d.C., considerados bodes-expiatórios para justificar derrotas militares e guerras civis (pp. 248-9).

Na conclusão (pp. 281-8), Boatwright admite humildemente, que, na sua investigação, não chegou onde inicialmente pretendia, uma vez que não revelou novos testemunhos nem outros ângulos de visão em relação a estas mulheres. A A. afirma, não obstante, que o seu estudo levou a novas perspectivas de análise como, e.g. a existência de lacunas cronológicas, i.e. muitas das honras que foram concedidas a certas matronas imperiais não tiveram qualquer tipo de continuidade (alguns desses privilégios nem duraram a totalidade das suas vidas) e acabaram por ser únicas (p. 281). O poder das mulheres imperiais seria, assim, limitado, sendo somente visível quando estava ligado à família imperial. A sua influência parece ter sido, essencialmente, exercida na intermediação entre o imperador e outros segmentos sob domínio de Roma, como os judeus e os cristãos (v. exemplo de Popeia Sabina com Flávio Josefo e Júlia Mameia com Orígenes nas pp. 162-4; p. 288). As mulheres da *domus* imperial teriam de optar pela *moderatio* no seu comportamento e seguir as recomendações do *Senatus Consultum de Pisone patre* no que diz respeito ao comportamento que uma mulher de uma casa imperial deveria cumprir (p. 286). Segundo a A., o derradeiro exemplo da falta de autonomia de uma matrona imperial foi o de Agripina *Minor*, que, tendo adquirido um grande estatuto em Roma, foi assassinada a mando do seu filho Nero, tendo, igualmente, sofrido uma *damnatio memoriae* não oficial. Uma lição que terá sido aprendida pelas restantes mulheres da *domus* imperial que compreende este livro (p. 286).

Estamos perante uma obra exemplar sobre as mulheres imperiais. Boatwright elaborou um estudo exaustivo sobre o assunto que se propôs elaborar, não tendo descurado no que respeita ao manuseio de fontes e de bibliografia. É uma obra que qualquer académico deve consultar para elaborar uma síntese sobre as matronas da *domus* imperial. Não obstante alguma dificuldade que um público não especializado terá em ler este livro, a introdução de três anexos de pequenas biografias, genealogias e uma lista de *Dinae* e *Diui* vem facilitar a leitura. Nesse sentido, também contribuem as traduções de todos os passos citados (o latim aparece, normalmente, em nota da rodapé), bem como os mapas e as ilustrações que acompanham o texto. Porquanto devamos sempre enaltecer o labor de Boatwright, necessitamos, contudo, de assinalar alguns pontos em que A. parece não ter sido tão clara. Em primeiro lugar, poderia ter feito uma discussão metodológica mais pormenorizada sobre as fontes (especialmente impressas) que utilizou (excepção feita na p. 7). Notamos, de facto, a ausência de uma introdução às fontes utilizadas (e.g. Tácito, Suetónio ou Dión Cássio), que seria pertinente especialmente sob o ponto de vista da recepção das matronas

imperiais por parte destes autores romanos. Teria sido positivo dedicar, pelo menos, um parágrafo introdutório aos preconceitos destes membros da elite romana em relação às mulheres da casa imperial, o contexto em que escreveram as suas histórias/biografias, ou as suas preocupações e anseios ao portar estas mulheres de maneira positiva ou negativa. Também verificámos a ausência de uma indagação epistemológica, que, como refere McHugh, balanceia entre o “optimismo” e o “pessimismo”, sem que a A., no entanto, discuta a relevância para o mundo coevo deste estudo sobre as mulheres na Antiguidade (devemos esta reflexão a McHugh 2022, 634). No que tange à leitura do livro, a maior dificuldade com que deparámos foi a constante comparação, por vezes no mesmo parágrafo, de mulheres imperiais de diversos principados.

Porquanto estas observações, o livro de Mary T. Boatwright entra, certamente, no cânone das obras sobre as mulheres imperiais no período de 35 a.C. até ao fim da dinastia dos Severos. O seu trabalho de síntese e cuidado na apresentação destas mulheres terá de ser sempre louvado.

**João Paulo Simões Valério**

*Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**TÁCITO.** *Anais.* Tradução de José Liberato Freire de Carvalho. Edição, introdução, notas e índices de Ricardo Nobre. Prefácio de Nuno Simões Rodrigues. Coordenação de Maria Cristina Pimentel. Lisboa, Edições Colibri, Novembro de 2022, 477 pp. ISBN 978-989-566-244-9 (20.00€).

A publicação da clássica obra de Públio Cornélio Tácito (c. 56 – c. 120 d. C.), *Anais*, constitui uma excelente notícia para a comunidade académica portuguesa que estuda a Roma Antiga, dita Clássica. Que se trate de uma reimpressão da tradução de José Liberato Freire de Carvalho (1772-1855), um dos mais polémicos e olvidados autores e pensadores do liberalismo português do século XIX, em final de ciclo da comemoração do vintismo, de 2020 até agora, torna ainda mais apetecido o livro em causa.

Em boa hora o Centro de Estudos Clássicos e o Centro de História da Universidade de Lisboa, em conjunto com as Edições Colibri, se associaram para tornar acessível ao público uma obra que há demasiado tempo não ultrapassava a condição de apetecida curiosidade de leitores de Tácito e de José Liberato, um dos vários tradutores portugueses do autor romano. Com o apoio financeiro da Comissão Liberato, de Coimbra, que desde 2015 dinamiza as evocações e edições de textos de José Liberato.

Tanto assim é, que os critérios editoriais, reproduzidos na página 45, exemplificam o cuidado tido na preparação da obra: actualização de toda a ortografia; repontuação completa do texto português; correcção de todos os nomes próprios e o desenvolvimento de abreviaturas; reescrita total das notas do original e adição de outras (incluindo algumas problematizando o sentido das soluções de tradução de José Liberato); e, last but not least, organização de índice remissivo onomástico que inclui esclarecimentos biográficos, modernas localizações geográficas e informações de outra natureza.



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA